

# Há 89 anos a primeira mulher exercia o direito ao voto no Brasil

*Ainda hoje a representatividade feminina é mínima no Congresso Nacional e o Viva Maria conversa com especialistas sobre o assunto*

[\(Rádios EBC | 24/02/2021 | Acesse no site de origem\)](#)

O *Viva Maria* faz uma homenagem às mulheres que nos idos de 1910 deram início ao movimento pelo sufrágio feminino, como a professora Deolinda Daltro, que fundou, no Rio de Janeiro, o Partido Republicano Feminino e a bióloga Bertha Lutz, que fundou a Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher, em 1919.

À luz do protagonismo nordestino, a pioneira foi a professora Celina Guimarães Vianna, que conseguiu o registro para votar na década de 20. Apontada como a primeira eleitora do Brasil, ela pediu a inclusão no rol de eleitores do município de Mossoró (RN) em novembro de 1927.

Pioneiro a reconhecer o voto feminino, o Rio Grande do Norte elegeu também a primeira prefeita do Brasil: Alzira Soriano, pela cidade de Lages, em 1929.

A especialista em política social Lisieux Amado, que trabalhou na Câmara dos Deputados desde o período Constituinte, traçou numa linha do tempo, que vai de 92 aos dias de hoje, os números da baixa representatividade feminina no Congresso Nacional!

Como cantava a saudosa Dona Raimunda dos Cocos, essa luta não é fácil, mas vai ter que acontecer. As mulheres organizadas têm que chegar ao poder! Que não falte determinação e persistência! É o que sugere a jornalista **Jacira Mello**, diretora-executiva do Instituto Patrícia Galvão, e que há anos se dedica à análise das relações que nós Marias temos com o poder.

<https://assets-institucional-ipg.sfo2.cdn.digitaloceanspaces.com/2021/02/Viva-Maria-Conquista-do-voto-feminino.mp3>

---

# Interesse por política entre mulheres aumenta 55% em 4 anos

*Em 2018, 20% do eleitorado feminino se empenhou em temas ligados à política; em 2014, o índice era de 9%, segundo pesquisa da Hello Research*

**[\(O Estado de S. Paulo, 10/10/2018 - acesse no site de origem\)](#)**

A publicitária Tatiana Lima, de 34 anos, procurou entender mais sobre política para combater o racismo que sofrera quando decidiu assumir os cabelos crespos. Até então, ela era uma mulher que não se interessava pelo tema. “A minha cabeça se abriu para a política quando despertei para a questão racial. Para rebater o preconceito, precisei me estruturar, porque não sabia de nada. E lendo sobre população negra, eu desaguei nas políticas públicas”, relata.

Assim como Tatiana, outras mulheres começaram a priorizar o tema, independentemente da causa. É o que revela a pesquisa Mapa Político da Hello Research, divulgada entre os meses de setembro e outubro.

O percentual de mulheres que demonstram muito interesse por política em 2018, com foco no primeiro turno das eleições deste ano, foi de 20%, ante 30% dos homens eleitores.

Em 2014, o número do eleitorado feminino muito interessado era bem menor: somente 9%. De lá para cá, houve um aumento de 55% no assunto. À época, o percentual de homens interessados pelo tema também era inferior: 10%.

Além disso, neste ano, 32% das mulheres entrevistadas revelam, ainda, não ter interesse algum no tema e 24%, pouco interesse. Em 2014, os índices eram 31% em ambas as categorias.

Ao todo, 1.993 pessoas das cinco regiões do País foram entrevistadas presencialmente entre 28 de julho e 7 de agosto - antes da oficialização das candidaturas. A margem de erro é de 2,2%.

Segundo o CEO da Hello Research, Davi Bertoncello, dois movimentos bastante significativos nesta eleição contribuíram para a ampliação do debate entre as mulheres: a importância dada ao voto feminino, apesar desta parcela de eleitorado ser maioria desde o ano 2000, e questões relacionadas à segurança pública.

“São dois temas que invadiram esta eleição e que ficaram presentes nas retóricas dos candidatos. Mas é uma discussão bem tardia, visto que as mulheres são maioria há 18 anos”, analisa.

A pesquisa também desenhou o perfil do eleitorado diante de pautas polêmicas, como descriminalização da maconha e legalização do aborto em qualquer situação.

## **Descriminalização da maconha**

O estudo mostra que, em 2018, 21% do eleitorado feminino têm interesse na discussão sobre a descriminalização da maconha, contra 24% dos eleitores homens. Em 2014, o índice era maior: 27% no público feminino, ante 28% dos eleitorado masculino.

## **Legalização do aborto**

Em 2018, a legalização do aborto em qualquer situação é de interesse para 12% das mulheres; já entre os eleitores homens, 14%. Quatro anos antes, 14% das mulheres demonstravam entender o tema, contra 16% dos homens.

## **União entre pessoas do mesmo sexo**

A união homoafetiva, em 2018, é um assunto abarcado por 35% do eleitorado feminino, ante 26% dos homens. Os índices em 2014 eram de 32% e 24%,

respectivamente.

## **Eleitorado é mais velho e feminino**

O eleitorado feminino no Brasil alcança 53% em 2018, segundo registro do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Quatro anos atrás, esta parcela representava 52%. Além disso, neste ano, 20% das mulheres eleitoras têm mais de 60 anos; 79% pertencem às classes C, D e E; e 54% somente têm o Ensino Fundamental completo.

Em 2014, os índices eram outros. Somente 13% do eleitorado feminino tinham mais de 60 anos; 78% estavam incluídas nas classes mais pobres e 63% tinham baixa escolaridade.

*Caio Faheina*

---

# **Mulheres e mais velhos são quem mais rejeita ou não decidiu candidato, diz Datafolha**

*1 em 5 mulheres está indecisa ou invalidará; elas são quase 70% dos indecisos, nulos e brancos*

**[\(Folha de S.Paulo, 10/10/2018 - acesse no site de origem\)](#)**

O principal contingente de votos a ser definido neste segundo turno ainda é o feminino. As mulheres, que formam 53% do eleitorado, respondem por 7 em cada 10 votos indecisos ou em branco/nulo, mostra pesquisa do Datafolha realizada nesta quarta-feira (10) com 3.235 eleitores.

Há, segundo o [levantamento do Datafolha](#), 6% de indecisos e 8% de eleitores que pretendem anular o voto ou votar em branco. A margem de erro é de

dois pontos percentuais para mais ou menos.

Entre as mulheres, contudo, a soma desses votos passa de 14% para 19% —11% de brancos e nulos e 8% de indecisas. Ou seja: 1 em cada 5 mulheres não sabe em qual dos dois votará ou não quer, ao menos não neste momento, votar nem em Jair Bolsonaro (PSL) nem em Fernando Haddad (PT). A tendência é condizente com a do primeiro turno.

O restante se divide entre os dois candidatos, com Bolsonaro numericamente à frente (42% a 39%, com a vantagem dentro da margem de erro).

Outra fatia que pode ser explorada por Bolsonaro, o líder da pesquisa com 49% das intenções de voto totais, e Haddad, que tem 36%, é a de eleitores de mais de 60 anos (19% do eleitorado), onde estão 36% dos indecisos.

Também no alvo entrariam aqueles que votaram no tucano Geraldo Alckmin no primeiro turno (4,8%). Alckmin declarou que não apoiará nenhum dos dois candidatos.

Segundo o Datafolha, 42% dos que escolheram o tucano votarão agora em Bolsonaro, e 30%, em Haddad.

Outros 17% invalidarão o voto e 12% ainda não sabem o que farão no dia 28.

A indecisão ou rejeição a ambos os candidatos é ainda mais pronunciada entre quem escolheu João Amoêdo, o quinto colocado no primeiro turno (2,5%): 1 em cada 3 eleitores do candidato do Novo não quer (18%) ou não escolheu (16%) nem Haddad nem Bolsonaro.

Entre o 1% que optou por Marina Silva (Rede), 33% votará branco ou nulo, e 11% não se decidiu. O Novo não apoiará nenhum dos candidatos, e a Rede não se pronunciou.

Esses percentuais são bem maiores do que os 8% de indecisos entre os eleitores de Ciro Gomes, majoritariamente (58%) favoráveis a Haddad.

O pedetista, que chegou em terceiro no primeiro turno com 12,5% dos votos, declarou, nesta quarta, seu [“apoio crítico” ao petista](#) —sem intenção de participar do governo. Entre seus eleitores, só 18% votarão em Bolsonaro.

Uma curiosidade: dos que votaram no capitão reformado no primeiro turno, 2% disseram ao Datafolha que no segundo turno mudarão o voto para Haddad, e 1% está indeciso. Já entre o eleitorado do petista no primeiro turno, 4% mudará o voto para Bolsonaro; 1% anulará e 5% ainda não sabe o que vai fazer.

---

## **As demandas das mulheres não estão sendo debatidas, mas elas podem definir as eleições de 2018, por Jacira Melo**

Quais são as principais preocupações das 77 milhões de mulheres brasileiras, que representam 52,5% dos votos nestas eleições? A [pesquisa Ibope/ONU Mulheres realizada em agosto](#) revela que as brasileiras priorizam mudanças sociais e investimentos em serviços públicos.

**(Agência Patrícia Galvão, 04/10/2018)**

Em suas respostas, as mulheres destacam que consideram como de extrema importância uma série de medidas que o governo federal deve implementar nas seguintes áreas: saúde (por exemplo, criar medidas para ajudar os municípios a diminuir o tempo entre a marcação e realização de consultas e exames); segurança (ex.: ampliar a rede de atendimento a mulheres vítimas de violência); educação (ex.: municípios devem receber ajuda para ampliar vagas em creches); trabalho (ex.: promover políticas que incentivem que homens e mulheres tenham os mesmos salários e oportunidades).

Esses dados apontam que as mulheres, além de salientar a urgência de melhorias nas áreas de saúde, segurança e educação, também enfatizam a necessidade de mais investimentos públicos e mudanças de políticas para o

enfrentamento das desigualdades sociais. Contudo, todas essas preocupações destacadas pelas mulheres como prioridades para o próximo governo têm sido pouco debatidas pelos candidatos e candidatas à presidência.

### **Mulheres com menor renda e escolaridade podem garantir um segundo turno**

Em relação à intenção de voto das eleitoras, segundo a pesquisa Ibope divulgada em 3/10, as mulheres que declaram voto em Bolsonaro têm um perfil semelhante ao dos eleitores homens do candidato do PSL: renda mais alta, maior escolaridade e concentração nas regiões Sudeste e Sul.

Tudo indica que um provável segundo turno nesta eleição presidencial será garantido pelas mulheres de menor renda, menor escolaridade e que vivem nas regiões mais carentes do país. Ao mesmo tempo, as pesquisas revelam que as mulheres tendem a ser mais exigentes com relação às propostas que têm a ver com a vida real cotidiana, especialmente por serem as principais usuárias dos serviços públicos. No segundo turno, as mulheres precisam estar no centro dos debates e das propostas sobre políticas e mudanças sociais para o país.

*Jacira Melo é diretora executiva do Instituto Patrícia Galvão.*

---

## **Diretor do Datafolha: “Mulheres impedem eleição de Bolsonaro no 1º turno”**

Diretor do Instituto Datafolha, Mauro Paulino afirma: “Quem está impedindo a vitória de Jair Bolsonaro (PSL) no primeiro turno são as mulheres”. Segundo Paulino, elas barram o avanço do candidato por causa da alta rejeição, de 49%, a maior entre todos os postulantes à presidência.

[\(Universa, 04/10/2018 - acesse no site de origem\)](#)

No entanto, ao longo da última semana, as pesquisas mostraram que o maior crescimento nas intenções de voto para Bolsonaro foi, justamente, entre as mulheres, mesmo depois das manifestações contrárias a ele realizadas no sábado (29). “Os atos foram históricos, emblemáticos, mas, entre a população feminina mais conservadora, que foi onde ele cresceu, pode ter soado como provocação à moral e aos bons costumes, impulsionando a adesão ao candidato”, diz Paulino

O aumento se deu, principalmente, no segmento de mulheres com renda familiar mensal maior do que cinco salários mínimos: foi de 32% para 42% em sete dias. Também houve aumento significativo entre aquelas com renda familiar de até dois salários, de 14% para 19%.

Segundo Paulino, o medo da violência é um dos pontos comuns entre as mulheres dos dois segmentos de renda. “Essa preocupação existe, especialmente entre elas, por causa dos filhos”, afirma.

### **Antifeminismo**

A cientista social e antropóloga Rosana Pinheiro-Machado afirma que o crescimento dos votos para Bolsonaro entre mulheres se explica também pela ofensiva do candidato contra a rejeição feminina, colocando o tema da mulher em seus discursos para ganhar o eleitorado conservador.

Segundo Rosana, 80% das publicações dele em redes sociais no último mês se concentraram no debate de dois temas: antipetismo e antifeminismo. “Noto o discurso ofensivo contra as feministas, mas também um forte ódio contra a esquerda e o PT.”

Para Rosana, a postura conservadora se manifesta no discurso do candidato e de seu eleitorado principalmente quando defendem um modelo específico de família, composto por homem, mulher e filhos. E nos ataques aos petistas com discurso de combate à corrupção atrelado a valores morais, exaltando, de novo, a família.

### **Família tradicional brasileira?**



O comportamento se reflete nas pesquisas: segundo Paulino, do Datafolha, membros de famílias constituídas por homem, mulher e filhos votam mais nele. Entre as mães solo, lidera Fernando Haddad (PT), segundo lugar nas pesquisas.

Rosana, que é professora do Centro de Ciências Sociais e Humanas da UFSM (Universidade Federal de Santa Maria), tem uma pesquisa em andamento sobre o comportamento de eleitores de Bolsonaro.

Ela aponta que houve uma preocupação da campanha em colocar o combate à violência contra a mulher de maneira agressiva no discurso do candidato, com ele dizendo, por exemplo, que vai instituir a castração química para estupradores. Surtiu efeito. “Tanto que, nas minhas entrevistas, feitas em Porto Alegre e em São Paulo neste ano, quando perguntava para as pessoas porque votariam em Bolsonaro, elas respondiam que ele era o único que se preocupava, de fato, com as mulheres.”

### **Crescimento entre evangélicos**

Bolsonaro é líder entre os evangélicos com 40% das intenções de voto. Haddad tem 15% de aderência nesse segmento. Segundo o diretor do Datafolha, o maior índice de evangélicos no Brasil se dá entre mulheres com renda de até 5 salários mínimos. Por isso, é possível concluir que há uma grande aderência ao candidato entre mulheres evangélicas, apesar de o instituto não fazer o recorte específico de gênero e religião.

Na sexta-feira (28), o bispo Edir Macedo, da Igreja Universal do Reino de Deus, declarou voto em Bolsonaro. Na quinta-feira (4), a FPE (Frente Parlamentar Evangélica) da Câmara dos Deputados oficializou o apoio à candidatura do postulante do PSL. “Há um trabalho forte entre evangélicas e é um estrato muito capilarizado, então essa aderência deve aumentar”, afirma Rosana.

### **Voto de última hora**

Paulino ressalta ainda que se nota, nas séries históricas das pesquisas eleitorais, que as mulheres deixam para decidir o voto na última hora. Ou seja, era esperado que votos até então nulos e indecisos migrassem para os

candidatos nessa reta final. E a conclusão é de que grande parte deles foram, e estão indo, para Bolsonaro.

*Camila Brandalise*

---

# **#EleNão: o que leva as mulheres às ruas?, por Camila Villard Duran**

*Se houver continuidade de discursos agressivos e de exclusão contra mulheres e minorias, o país estará condenado a seguir fragmentado.*

**[\(O Estado de S. Paulo, 04/10/2018 - acesse no site de origem\)](#)**

No final de semana que antecede a eleição presidencial, o #EleNão conseguiu reunir dezenas de milhares de brasileiras e brasileiros nas ruas. O discurso político de Jair Bolsonaro, com referências machistas e declarações de desrespeito a direitos individuais e a instituições democráticas, foi fortemente contestado no último 29 de setembro. O #EleNão pode ser comparado aos [movimentos sociais de junho de 2013](#). Foram eles que primeiro potencializaram o uso da internet e de redes sociais para grandes mobilizações políticas.

No entanto, o #EleNão tem algo peculiar. É a sua locomotiva: *as mulheres*. Sindicatos, entidades religiosas, partidos políticos e organizações sociais em defesa de direitos de minorias não foram capazes de unir um contingente tão importante de pessoas e levá-los às ruas para protestar contra um dos principais candidatos à Presidência da República.

Mulheres foram responsáveis por organizar o movimento *virtual*, que passou a influenciar a amplitude do movimento *real*, e culminou nas passeatas do

último sábado, em diferentes cidades no Brasil e no exterior. Com essa mobilização, elas podem impactar decisivamente o resultado das eleições. Elas representam 53% do eleitorado no país. São também a maioria da população. Pela primeira vez na democracia brasileira do pós-1988, a [clivagem de gênero](#) tende a ser o fator determinante no resultado das eleições.

O que explica esse peso decisivo das mulheres na eleição presidencial de 2018? Afinal, o ambiente político é altamente dominado por homens (dos treze candidatos, apenas duas são mulheres) e elas representam apenas [10,7% dos cargos eletivos no Congresso Nacional](#). Comparativamente, na América Latina, esse número é quase três vezes maior (29,3%). É preciso compreender a forma e o sentido da organização política das brasileiras nessas eleições.

“As instituições são julgadas pelo ponto de vista das chances concretas dadas aos indivíduos” (Simone de Beauvoir, *Le deuxième sexe*). Desde a instauração da República no Brasil, quais foram as chances concretas dadas às mulheres, em termos de emancipação e empoderamento? Progressivamente, mas ainda lentamente, pode-se afirmar que se caminha na direção da igualdade de gênero. As eleições de 2018 podem representar, contudo, progresso ou retrocesso. O #EleNão é a resposta das mulheres a essa encruzilhada, que parece ultrapassar a questão da identidade de gênero.

Elas não somente se reuniram para protestar contra um inimigo comum, que lhes nega individualidade e existência plena. A identidade de gênero foi um catalisador contra as ideias que o candidato representa: autoritarismo e agressão a valores democráticos e direitos individuais. Elas não se manifestaram por um projeto político específico. Elas protestaram contra o autoritarismo, em defesa do liberalismo político.

Para o influente historiador israelense Yuval Noah Harari, a atual [crise global do liberalismo político é séria](#). A novidade trazida pelo século XXI, contudo, é a de que o liberalismo não está mais sendo confrontado a um adversário ideológico coerente, como o fascismo e o comunismo do século anterior. O liberalismo sofre oposição de ideologias niilistas e poucos coesas. Trump é representativo dessa oposição. Bolsonaro é a versão brasileira.

Historicamente, mulheres tiveram dificuldades em se organizar enquanto movimento político. Em 1949, Beauvoir (*Le deuxième sexe*) ressaltava a dificuldade do reconhecimento da identidade de gênero enquanto elemento de conexão entre as mulheres. As mulheres, segundo ela, “vivem dispersas entre os homens, mais conectadas a eles pelo habitat, pelo trabalho, pelos interesses econômicos, pela condição social de certos deles - pai ou marido - do que a outras mulheres. Burguesas, elas são solidárias a burgueses e não a mulheres proletárias; brancas a homens brancos e não a mulheres negras”.

As décadas de 1960 e 1970, que testemunharam eventos históricos da segunda onda do movimento feminista global, contribuíram de forma significativa para superar a barreira ao mútuo reconhecimento (a [despenalização do aborto na França](#), conduzida por Simone Veil, é emblemática desse período). No Brasil da época, entretanto, movimentos em defesa de direitos humanos foram duramente reprimidos pelo regime militar.

Foi somente no pós-1988, com adoção da nova Constituição Federal, que o feminismo brasileiro pode, de fato, florescer. São as liberdades garantidas pelo direito, que permitem a organização política dessas mulheres. Mas isso não é tudo. Liberdades formais demandam liberdades econômicas e sociais para serem concretizadas.

A década de 2000 foi rica nesse quesito: políticas como o bolsa família e a progressiva repressão à violência doméstica, com a promulgação da [Lei Maria Da Penha](#), estão transformando a posição das mulheres no seio familiar e comunitário. O crescimento da igualdade de gênero no [acesso à educação e à saúde, nos últimos anos](#), foi outro fator relevante. No Brasil, [a escolaridade é identificada como uma variável explicativa](#).

O #EleNão é produto da evolução da democracia liberal brasileira e também da [globalização de movimentos políticos](#) feministas. Internacionalmente, pode ser comparado, por exemplo, à [Marcha das Mulheres](#) contra o governo Trump. O retrocesso da democracia liberal tende a impactar de forma mais dura e cruel mulheres, minorias raciais e LGBTQs. E elas têm consciência disso.

A despeito de todos esses avanços, que permitem explicar a capacidade da

organização e da manifestação política feminina, que culminaram nos eventos recentes, há muito o que fazer. O aborto ainda é crime no Brasil. A lei penal, com toda sua força estatal, reprime as mulheres que, desesperadamente, precisam recorrer a esse ato. Aos homens, nada é devido. É preciso também lembrar que, na economia brasileira, as mulheres com ensino superior ainda recebem [75% da remuneração de seus pares masculinos](#). Há ainda sub-representação em altos cargos de chefia, em praticamente todos os setores, do público ao privado. Mulheres são minoria em cargos eletivos, nos planos federal, estadual e municipal. Negras e trans são ainda mais negativamente impactadas.

Poderá o #Elenão se converter em participação efetiva das mulheres na vida política, enquanto titulares de cargos públicos e eletivos? A eleição de Dilma Rousseff como Presidente da República, por si só, [não se converteu em ganhos de participação](#) nos mais altos escalões do governo. Em todo caso, a análise de [Rosana Pinheiro-Machado e Joanna Burigo](#) é perspicaz: o momento pede atenção para a representação política feminina. As campanhas eleitorais precisam falar sobre e para as mulheres. O poder do voto feminino já foi identificado pela [socióloga Fatima Pacheco Jordão](#), em outras eleições presidenciais. Precisamos avançar.

É evidente que o problema da representação política no país não irá se resolver no momento das eleições. Precisa-se de políticas robustas, que respondam a essa demanda. Há em curso projetos sociais, que procuram aumentar a representatividade de setores marginalizados nas instituições públicas. A [Escola Comum é um deles](#): jovens brilhantes da periferia, homens e mulheres, estão sendo preparados para se tornarem líderes na vida política brasileira. Precisa-se de mais projetos desse porte intelectual voltados, especialmente, para mulheres.

Se houver continuidade de discursos agressivos e de exclusão contra mulheres e minorias, o país estará condenado a seguir fragmentado. É preciso, mais do que nunca, inclusão para se construir um projeto de futuro para o Brasil. É assim que se supera uma crise econômica e o descrédito em instituições públicas. Quais candidatos e candidatas estão aptos a contribuir com esse debate político? É a questão que se coloca para este domingo de

outubro.

*Camila Villard Duran é professora doutora da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (camiladuran@usp.br)*

---

## **Percentual de mulheres que não escolheram um presidencial a 10 dias das eleições é o maior desde 1998, segundo Datafolha**

*Índice atingiu 18%, ante 14% na mesma época da campanha de 2014. Alta de 4 pontos percentuais é inédita pelo menos desde 1994.*

**[\(G1, 02/10/2018 - acesse no site de origem\)](#)**

A parcela de eleitoras que, a cerca de 10 dias da eleição, não têm um candidato definido para a Presidência é a maior em 20 anos, segundo levantamento do G1 com pesquisas do Instituto Datafolha.

O percentual de mulheres que disseram que não iriam votar em ninguém, não sabiam em quem votar ou votariam em branco/nulo no último levantamento, [divulgado em 28 de setembro](#), atingiu 18%.

Esse percentual é o maior, para a mesma época da campanha, desde 1998, quando foi de 19% (*veja a evolução no quadro abaixo*).

Além disso, o número de 2018 representa uma alta de 4 pontos percentuais em relação a 2014, quando havia sido de 14%. A variação é inédita desde, pelo menos, 1994, eleição mais antiga para o qual havia dados disponíveis.

A diferença entre homens e mulheres nesse ponto também voltou a

patamares da década de 1990: cerca de 8 pontos, intervalo semelhante ao registrado em 1994 e 1998.

Eleitores sem candidato definido, Datafolha — Foto: Alexandre Mauro / G1 Arte

Para este levantamento, foram consideradas as pesquisas com entrevistas realizadas em:

- 20 a 22 de setembro de 1994
- 24 e 25 de setembro de 1998
- 26 e 27 de setembro de 2002
- 22 de setembro de 2006
- 21 e 22 de setembro de 2010
- 25 e 26 de setembro de 2014 e
- 26 a 28 de setembro de 2018.

### **Sobre a pesquisa de 26 a 28 de setembro de 2018**

- **Margem de erro:** 2 pontos percentuais para mais ou para menos
  - **Entrevistados:** 9 mil eleitores em 343 municípios
  - **Quando a pesquisa foi feita:** 26, 27 e 28 de setembro
  - **Registro no TSE:** BR-08687/2018
  - **Nível de confiança:** 95%
  - **Contratantes da pesquisa:** TV Globo e “Folha de S.Paulo”.
  - [Veja todos os resultados das pesquisas eleitorais para a Presidência](#)
  - [Guia Eleitoral: saiba como consultar seu local de votação, número do título e mais](#)
  - [Funciona Assim: vídeos explicam o que fazem os cargos em disputa nesta eleição](#)
-

# As mulheres nordestinas irão decidir as eleições, por Debora Diniz

*Em sua nova coluna, Debora Diniz faz uma análise do papel das nordestinas nas urnas*

[\(Marie Claire, 01/10/2018 - acesse no site de origem\)](#)

Que as mulheres vão decidir essas eleições, já sabemos. O que ainda iremos comprovar é que serão as mulheres nordestinas a decidir as eleições no dia 7 de outubro. Mais de 20 milhões das eleitoras estão ali, naquela parte do país ignorada por quem fala em homens de negócios e esquece das empregadas domésticas, fala em armas para proteger propriedade privada e ignora que há feminicídio, diz não haver racismo, mas não explica por que a beneficiária do Bolsa Família tem classe e cor. Será uma reviravolta para quem anda anunciando que não reconhecerá outra vitória nas urnas que a sua própria. Acho bom começar a se preparar, pois a cicatriz recente irá arder.

As mulheres nordestinas não votarão no capitão reformado por, pelo menos, três razões. A mais importante delas é porque sabem votar. Já se foi o tempo do cabresto em que se vendia o voto por medo ou sobrevivência. Há pobreza no Nordeste, é verdade, mas agora é gente pobre que entendeu como a vida pode ser melhor com um Estado que olhe para a desigualdade e não busque na mulher trabalhadora uma empresária, mas alguém com múltiplas jornadas de trabalho. O principal ofício feminino é o trabalho doméstico ou o da terra e para os dois não há isso de “aprender a pescar”, mas ainda é tempo de “dar o peixe”.

A segunda razão é porque as armas nunca foram um objeto de desejo da mulher nordestina. São as armas que as matam na casa pelo que já foi descrito pelos homens como crime passionai. Sem propriedade privada para afugentar os invasores, as armas não as protegem dos maridos ou pais, ao contrário, ampliarão seu risco doméstico de ser vítima de violência. Além



disso, desacreditam que a melhor segurança é aquela que as devolve para a casa - querem transporte público com segurança, luz e esgoto, o direito de ir e vir sem serem importunadas por uma das culturas mais machistas deste país.

Por fim, duvidam de quem sustenta a redução da maioria penal. Se o Nordeste é uma terra de risco para as mulheres e suas filhas, é também para os seus filhos - ainda meninos, morrem em guerras de gangues, morrem pela polícia, morrem porque são pobres, nordestinos e negros. Essas são mulheres que já vivenciam o luto precoce dos filhos e, agora, há quem as ameace prendê-los ainda mais cedo. E tentam convencê-las que isso se chama "segurança pública".

Será ainda mais bonita esta vitória. As mulheres estiveram em canto neste país para gritar #Elenão. Agora, serão as esquecidas nordestinas a definirem quem irá para o segundo turno das eleições. Se suas patroas brancas, as netas e bisnetas das sinhazinhas do passado, serão as poucas a votarem no capitão reformado, o voto de recusa será tema de orgulho - é a história de transformação se movimentando nas terras dos engenhos e da escravidão. Nem uma mulher será mais a mesma depois desta demonstração de força ao país. E as mulheres nordestinas serão aquelas que contarão a história de terem definido essas eleições.

*Debora Diniz é antropóloga, professora da UNB e pesquisadora da Anis: Instituto de Bioética. Em 2017, ganhou o prêmio Jabuti pelo livro "Zika: Do Sertão Nordestino à Ameaça Global". Como documentarista, seus filmes já ganharam mais de 50 prêmios. Sua área de interesse são os direitos das mulheres.*

---

**#EleNão: A manifestação**

# histórica liderada por mulheres no Brasil vista por quatro ângulos

A manifestação #EleNão em repúdio ao candidato a presidente Jair Bolsonaro, que se espalhou por cidades brasileiras neste sábado, foi a maior manifestação de mulheres na história do Brasil. Foi também uma das maiores manifestações contra um candidato, independentemente das mulheres. As afirmações são de Céli Regina Jardim Pinto, autora do livro “Uma história do feminismo no Brasil” e professora do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**[\(BBC News Brasil, 30/09/2018 - acesse no site de origem\)](#)**

O número total de pessoas que participaram das manifestações é incerto - a Polícia Militar não divulgou estimativas de público nas principais cidades, como costumava fazer durante as manifestações pró e contra impeachment de Dilma Rousseff.

Segundo o G1, 114 cidades em 10 estados tiveram manifestações contrárias a Bolsonaro. Também houve atos em diferentes cidades do mundo, como Nova York, Lisboa, Paris e Londres. As maiores manifestações aconteceram em São Paulo e no Rio de Janeiro. Por imagens aéreas dos atos, cálculos que consideram a área ocupada pelos manifestantes produzem estimativas do número de presentes em uma análise conservadora e não-científica: chega-se a cerca de 100 mil pessoas no Largo da Batata, em São Paulo, e 25 mil na Cinelândia, no Rio, no momento de pico.

Não se sabe se a manifestação terá impacto nas eleições. Bolsonaro lidera as pesquisas de intenção de voto, com 28%. Desde o início da campanha, o candidato teve trajetória de crescimento. Tinha 20% no final de agosto, foi para 22%, então 26% - dados do Ibope. Em 18 de setembro, chegou aos 28%, onde estacionou. Também no sábado, ocorreram manifestações de apoio a Bolsonaro, mas em menor escala. Neste domingo, 30, manifestantes a favor

do candidato do PSL se reúnem na avenida Paulista, em São Paulo.

A BBC News Brasil destaca abaixo quatro ângulos importantes para entender o #EleNão.

### **1) A maior manifestação de mulheres da história do Brasil**

Céli Regina Jardim Pinto, professora do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, se debruçou sobre a história do feminismo no Brasil e afirma que o #EleNão de 29 de setembro foi a maior manifestação de mulheres da história do Brasil.

“O feminismo da minha geração era formado por mulheres acadêmicas ou de movimentos sociais. Teve muita influência na Constituição de 1988, mas era muito fechado em um grupo. Ainda por cima, era muito mal visto tanto pela sociedade mais conservadora como pela própria esquerda”, explica.

“O que aconteceu agora foi uma popularização do feminismo. Está espalhado na sociedade. Ninguém mais pode dizer que é contra os direitos das mulheres”.

Além disso, o movimento de sábado abraçou pautas que vão muito além do feminismo. “#EleNão virou um significante cheio de significados. Isso é muito importante na luta política. Começou pelas mulheres, porque Bolsonaro disse frases de baixo nível em relação a mulher, e foi englobando muita coisa, como a defesa da democracia e dos direitos humanos”, continua Céli.

Sob a liderança das mulheres, homens também aderiram ao movimento. A estilista Daniela Sabbag, que participou da manifestação no Rio de Janeiro, explica as pautas do #EleNão: “O movimento não é só das mulheres. É um movimento humanitário. A causa é contra o fascismo, o racismo, o esquecimento do que aconteceu na ditadura militar. É a favor da diferença”.

“Nunca houve uma manifestação dessa envergadura contra um candidato. Na história, houve grandes comícios antes das eleições, mas sempre a favor de alguém. É surpreendente como o #EleNão conseguiu juntar tanta gente para se manifestar contra um candidato”, diz Céli.

## **2) Mulheres e homens votam diferente pela primeira vez na história**

Os números ajudam a entender o movimento das mulheres nas ruas. Essas são as eleições presidenciais em que homens e mulheres votam de forma mais diferente.

Se dependesse dos homens, Bolsonaro sairia do primeiro turno isolado no primeiro lugar. O ex-capitão do Exército tem 37% da intenção de voto deles. Já se dependesse das mulheres, Bolsonaro terminaria empatado com Fernando Haddad. Entre elas, o militar tem 21%, contra 22% do candidato do PT. Os dados são da última pesquisa Datafolha, divulgada na noite de sexta-feira (28).

Segundo dados levantados pela BBC News Brasil desde o fim da ditadura militar, nunca houve uma diferença tão grande no voto de homens e mulheres.

Além de ter menos votos de mulheres, Bolsonaro é mais rejeitado por elas. Ainda segundo o Datafolha, 52% das mulheres dizem que não votam no ex-capitão do Exército de jeito nenhum. Entre os homens, o percentual é de 38%.

Assim, as mulheres representam a maior pedra no sapato de Bolsonaro em um possível segundo turno. “Se Bolsonaro conseguir 30% dos votos das mulheres, ele vai precisar de 70% dos votos dos homens para vencer. Fica difícil”, exemplificou o cientista político Bruno Wanderley Reis, da Universidade Federal de Minas Gerais, em entrevista para a BBC News Brasil.

A designer Isabela de Oliveira, que também se juntou ao #EleNão no Rio, diz esperar que os protestos de sábado levem mais mulheres a rejeitar Bolsonaro: “Espero que sirva para as pessoas sentirem coragem de lutar contra ele. Porque vejo muitas pessoas pouco politizadas ou resignadas, e vendo essas massas na rua contra ele, espero que possam parar para pensar”.

## **3) Manifestação mais à esquerda, mas que englobou todo o espectro político**

Para Céli, o movimento #EleNão reuniu principalmente manifestantes de esquerda ou centro-esquerda. “Mas cabem outras bandeiras”, diz ela.

De fato, embora predominassem os simpatizantes da esquerda, diferentes grupos também ocuparam as ruas no sábado: de anarquistas a torcidas organizadas de futebol, evangélicos e “policiais contra o fascismo” - há fotos e vídeos desse último grupo no Rio, Recife e Natal. Em São Paulo, uma mulher segurava um cartaz que dizia “sou policial e #elenão me representa”. Outro cartaz dizia: “Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito. Ele nunca”.

No Rio, um grupo denominado “Torcedores Pela Democracia” uniu apoiadores de clubes rivais: Vasco, Flamengo e Fluminense, entre outros.

Houve até quem segurasse um cartaz nos protestos que dizia “sou coxinha, mas não sou fascista #elenão”.

No protesto que aconteceu no Rio, a estilista Daniela Sabbag disse ser contrária a Bolsonaro, mas também afirmou não ser eleitora do PT - embora tenha admitido que votará no partido caso tenha que escolher entre Haddad e Bolsonaro no segundo turno.

“O Bolsonaro representa tudo que não quero para o Brasil. Além de falar as besteiras que ele fala, é despreparado, age no feudo dele, não tem representatividade”, considera. “O que eu quero é a terceira via. Quero alternância política. Não quero o PT também. Mas não voto nele (Bolsonaro) de jeito nenhum, e voto no PT se tiver que ser.”

Dandara Jesuine, mestrande em ciência política que aderiu ao movimento no Rio, ressaltou a presença de movimentos e pessoas com perfis muito diversos no protesto - de artistas da Globo a removidos de favelas cariocas.

Para ela, a adesão a Bolsonaro foi uma reação ao crescente engajamento de minorias e sua mobilização contra o sexismo, racismo e homofobia. “Estamos vendo um terceiro movimento, com esses grupos reagindo porque estão horrorizados com os valores que ele defende”, diz. “Isso não é um movimento coeso. Mas as pessoas estão juntas para afirmar que não dá para deixar a extrema-direita crescer.”

Céli diz que mesmo com uma composição mais variada de eleitores no #EleNão, o que importa agora é observar como a manifestação vai se refletir na composição dos votos. “Quem foi para a rua não votava no Bolsonaro. A questão é saber como esse movimento refletiu em quem não foi para rua. Tem coisas na política que são bem tradicionais e que pesam muito – primeiro o boca a boca. Qual impacto isso vai ter na intenção de voto?”, questiona.

#### **4) Redes sociais foram fundamentais na organização do movimento**

O #EleNão saiu das redes sociais para as ruas. A ideia teria surgido no grupo de Facebook Mulheres Unidas Contra Bolsonaro, que tem hoje 3,88 milhões de membros. A partir daí, o movimento se espalhou pelas redes. Mulheres, anônimas e famosas, brasileiras e estrangeiras começaram a postar a hashtag nas redes sociais – entre elas, Madonna. Homens também aderiram.

“As redes sociais foram importantes na popularização do feminismo, principalmente o feminismo jovem”, diz Céli.

Essa não foi a primeira vez que as redes sociais impulsionaram movimentos feministas no Brasil. Em março de 2014, surgiu uma das primeiras hashtags feministas nacionais, a #NãoMereçoSerEstuprada. Em 2015, foi a vez de #PrimeiroAssedio e #MeuAmigoSecreto. No final do ano passado, o #MeToo viralizou fora do Brasil e também aportou por aqui.

A diferença é que essas demais campanhas eram movimentos puramente de redes sociais, enquanto o #EleNão convocou protestos em todo o país e foi capaz de reunir mais de 100 mil mulheres.

“Viemos para dizer que estamos aqui, que as mulheres estão unidas. Chegamos a um momento em que todo mundo tem que se unir, independente do partido”, disse Aline Jerê, chef de cozinha, que participou do #EleNão no Rio junto com a namorada. “Foi um movimento no qual as mulheres, que historicamente são apagadas, tomaram a frente. Estamos mudando isso”, falou a estudante Yuri Rodrigues, uma mulher trans.

*Amanda Rossi, Julia Dias Carneiro e Juliana Gragnani*

---

# Eleições 2018: Como o voto feminino, que pode ser decisivo, virou campo de batalha nesta eleição

A [eleição presidencial de 2018](#) é claramente muito diferente das anteriores. Entre as novidades no comportamento dos eleitores, uma tem sido especialmente surpreendente: a enorme diferença que as pesquisas apontam nas [intenções de votos](#) entre homens e mulheres.

**[\(BBC News Brasil, 29/09/2018 - acesse no site de origem\)](#)**

O fosso que se abriu no comportamento desses dois grupos é inédito em eleições presidenciais, destaca o cientista político Jairo Nicolau, professor da UFRJ. Dados das eleições de 2010 e 2014, por exemplo, mostram que homens e mulheres votaram em proporções similares nos diferentes candidatos.

Quem catalisa esse fenômeno nessa eleição é o candidato presidencial Jair Bolsonaro (PSL) - que se recupera de uma facada de um opositor no início do mês e recebeu alta do hospital neste sábado, 29. Ele lidera a preferência do eleitorado com 27% das intenções de voto, segundo a mais recente pesquisa Ibope, divulgada na quarta-feira. Quando abrimos os números por sexo, no entanto, o levantamento mostra que ele tem apoio de 36% dos homens e 18% das mulheres.

***[Leia mais: Atos de mulheres contra Bolsonaro se tornam o maior dessas eleições \(Universa, 29/09/2018\)](#)***

Neste sábado, 29, manifestantes protestaram no Rio e em São Paulo contra Bolsonaro, como parte do movimento #EleNao, organizado por mulheres nas redes. Outros protestos foram registrados em mais de 40 cidades do país e

em cidades europeias, como Lisboa, Paris e Londres.

Por outro lado, também houve manifestações pelo país em prol do candidato. No Rio, apoiadores de Bolsonaro se reuniram em Copacabana.

A diferença entre o apoio de homens e mulheres em relação a Bolsonaro não é vista em nenhuma outra candidatura. Fernando Haddad (PT), por exemplo, candidato que aparece em segundo lugar na pesquisa Ibope com 21%, tem preferência de 20% dos homens e de 21% das mulheres. O terceiro colocado, Ciro Gomes (PDT), com 12%, pontua 11% no eleitorado masculino e 12% no feminino.

“Os números mostram que, se a eleição fosse apenas entre as mulheres, estaria muito mais disputada”, observa Nicolau.

Os dados do Ibope revelam ainda que o desempenho de Bolsonaro é mais fraco entre as mulheres de menor renda (até dois salários mínimos) e moradoras da região Nordeste, indicando que aí é onde está a maior resistência ao capitão. É nesses segmentos, também, que Haddad vai melhor.

A resistência feminina ao líder das pesquisas tem sido fortemente explorada por outras campanhas, como a de Geraldo Alckmin (PSDB) e Marina Silva (Rede), principalmente as declarações agressivas de Bolsonaro com mulheres e a defesa de que as trabalhadoras, por engravidar, devem receber menos que os homens.

### **Movimento #EleNão**

As mulheres que rejeitam Bolsonaro se organizaram em setembro nas redes sociais em torno do movimento #EleNão, que convocou para este sábado protestos contra o candidato em dezenas de cidades do Brasil e também em algumas no exterior. A mobilização - que contou com apoio até de celebridades internacionais, como a cantora Madonna - agrega mulheres de diferentes visões ideológicas.

Analistas políticos ouvidos pela BBC News Brasil divergem sobre o potencial do movimento para impactar a eleição, provocando, por exemplo, uma queda abrupta nas intenções de voto de Bolsonaro. Parte deles, porém, considera



que, se a mobilização for grande, pode contribuir para aumentar a rejeição já elevada do militar reformado, dificultando sua vitória num provável segundo turno contra Haddad.

Se o duelo final entre o candidato do PSL e do PT se confirmar, a clivagem de gênero deve ser determinante para o resultado da eleição, observa Jairo Nicolau. A tendência, caso Bolsonaro vença, é que o apoio masculino seja decisivo. Caso perca, será culpa da forte rejeição feminina. Uma vitória depende de ele conseguir reverter ao menos parte da antipatia entre as mulheres, ressalta o professor.

“Essa resistência das mulheres ao Bolsonaro cria uma barreira quase intransponível. É muito difícil num país em que elas são 53% dos eleitores, e comparecem mais às urnas que os homens, que um candidato com alta rejeição feminina vença uma eleição de dois turnos”, acredita Nicolau.

Ele ressalta que a semana foi de notícias negativas para Bolsonaro, com a divulgação de que sua ex-mulher, Ana Cristina Valle, informou há dez anos atrás, em um processo que discutiam a guarda do filho, que o candidato teria um patrimônio maior que o declarado à Justiça Eleitoral e incompatível com seu rendimentos como deputado federal e militar aposentado.

Ontem, em entrevista para José Luiz Datena, da TV Bandeirantes, Bolsonaro se defendeu das acusações dizendo que “em uma separação é comum ter problemas, é litigiosa, as cotoveladas acontecem de ambas as partes”. “A própria ex-companheira diz claramente que, de sangue quente, fala-se coisas que não existem”, completou o candidato.

“Vejo esse movimento (das mulheres) como uma peça a mais numa onda que começou a se armar na última semana contra ele. É a primeira vez, pelo que eu me lembro, que a sociedade se articula em campanha contra um candidato numa eleição presidencial no Brasil”, nota cientista político da UFRJ.

Já o professor de direito e relações internacionais na Universidade LaSalle, Fabricio Pontin, se mostra cético quanto ao impacto do movimento #EleNão na eleição. Embora ele considere a mobilização importante para aglutinar a oposição ao candidato do PSL, não acredita que será capaz de reverter votos

já conquistados por Bolsonaro - as pesquisas mostram um grau alto de convicção entre esses eleitores - ou capturar muitos indecisos para outros concorrentes.

Pontin ressalta que houve movimento semelhante nos Estados Unidos, sob a hashtag #resistance (#resistência, em tradução literal) contra a candidatura de Donald Trump e ainda assim ele venceu a disputa.

“O eleitor que vota em Bolsonaro, assim como o que votou em Trump, já conhece seus problemas, mas considera que ele é diferente da classe política”, destaca.

“E eu me pergunto, quanta gente indecisa vai votar? O número de indecisos já caiu muito nas pesquisas, me parece que os que não têm candidato até agora não vão votar ou vão anular”, pondera ainda.

### **Disputa nas redes sociais**

A movimentação nas redes sociais reforça os sinais de que o debate de gênero ganhou papel de destaque na eleição brasileira. A Diretoria de Análise de Políticas Públicas (Dapp) da FGV, que vem monitorando a movimentação dos internautas, mostrou em relatório recente que o movimento #EleNão impulsionou cerca de 1,4 milhão de menções no Twitter entre 12 e 24 de setembro. Por outro lado, a reação a esse movimento realizou no mesmo período 284 mil usos da hashtag #EleSim.

Já o último monitoramento semanal da Daap sobre eleições, mostrou que entre 19 e 15 de setembro houve 8,8 milhões de tuítes com teor político, sendo que metade dos perfis engajados nesse debate se manifestaram contra Bolsonaro. Segundo o levantamento, nesse grupo houve “várias publicações com a hashtag #EleNão”.

Para a cientista social e antropóloga Rosana Pinheiro-Machado, professora na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e apoiadora do #EleNão, o movimento tem sim capacidade de virar votos contra o líder das pesquisas. Ela diz que o movimento de articulação feminina em massa dentro do processo eleitoral é inédito e está trazendo muitas delas pela primeira vez ao debate público. O grupo “Mulheres Unidas contra Bolsonaro” no Facebook

reuniu em menos de três semanas mais de 3 milhões de integrantes.

“O movimento está muito forte. Há um diálogo direto entre as mulheres: é a eleitora que convence a tia, a avó, uma vizinha a não votar no Bolsonaro”, exemplifica.

Outra pesquisa realizada pelo Monitor do Debate Político no Meio Digital, projeto do Grupo de Políticas Públicas da USP, também mostra a importância que as questões de gênero ganharam nessa eleição.

Os pesquisadores monitoraram 115 páginas no Facebook de grande alcance que promovem a candidatura do Bolsonaro durante os 40 primeiros dias de campanha (16 de agosto a 25 de setembro) e detectaram que os três temas que mais geraram compartilhamentos pelos seguidores foram: as postagens antissistema e anti-PT (2 milhões); as publicações com críticas a mídia (1,3 milhão); e as mensagens sobre feminismo e mulheres (1,1 milhão).

Essas questões superaram em muito o engajamento com postagens sobre corrupção (338 mil compartilhamentos) e armamentos (229 mil), por exemplo.

“As questões que envolvem a mulher parecem ser uma obsessão da campanha, já que as mulheres constituem um dos principais grupos demográficos nos quais o candidato tem dificuldade em encontrar adesão”, destaca o estudo.

Um dos autores do levantamento, o filósofo Pablo Ortellado, ressalta que a discussão sobre a igualdade salarial entre trabalhadoras e trabalhadores foi o tema relacionado às mulheres que mais gerou engajamento entre os apoiadores de Bolsonaro.

“Acredito que mais importante que os protestos desse sábado é o movimento #EleNão nas redes sociais. O jogo eleitoral desse ano está acontecendo nas redes”, destaca.

Os protestos convocados para as ruas, porém, geram preocupação na campanha de Bolsonaro. O temor é que algum conflito que venha a ocorrer nesses atos possa prejudicar o candidato. Nesse sentido, o deputado federal

Fernando Francischini, do PSL, encaminhou um requerimento à Polícia Federal para que reforce a segurança durante as manifestações.

Defensorias públicas em diferentes estados anunciaram que farão plantão no sábado para atender eventuais vítimas de agressão. A Rede Nacional de Advogadas e Advogados Populares (Renap) também acompanhará os protestos.

*Mariana Schreiber*